



RESGATES DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA: *AUSTERLITZ*, DE W. G. SEBALD

Juliana Prestes de Oliveira*
**Amanda Laís Jacobsen
de Oliveira****
Anselmo Peres Alós***

* jprestesdeoliveira@gmail.com
Graduada em Letras (Português/Inglês) pela UTFPR.
Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFSM,
sob orientação da Prof^a. Dr^a. Raquel Trentin Oliveira.

** amandajacobsen.o@gmail.com
Graduada em Letras (Português/Inglês) pela UTFPR.
Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFSM,
sob orientação do Prof. Dr. Enéias Farias Tavares.

*** anselmoperesallos@gmail.com
Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. Professor
do Departamento de Letras Vernáculas e do PPG-Letras da
UFSM. Coordenador do projeto *Poéticas da masculinidade
em ruínas, ou: o amor em tempos de AIDS* (apoio financeiro
CNPq). Autor de *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades
subversivas no romance latino-americano* (2013).

RESUMO: Este trabalho visa apresentar um breve estudo sobre o romance *Austerlitz* (2008), do escritor W. B. Sebald. Para isso, busca-se fazer aproximações entre a memória do protagonista Austerlitz, o modo como esse teve sua vida modificada e sua família destruída pelo regime nazista de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial, e a História de uma época marcada por essa guerra. O autor nos conduz à dimensão dos pensamentos e da memória de alguém que luta para fugir de qualquer coisa que possa levá-lo ao seu passado e a rememoração de fatos que marcaram negativamente a sua vida. Por meio disso, podemos construir uma nova versão da História da época, através da voz de alguém que vivenciou esse período conturbado. Além disso, esse romance traz à tona a questão da importância de se relatar as histórias e experiências daqueles que não estão diretamente ligados aos discursos oficiais, para que esses fatos sejam vistos sob novas perspectivas e não caiam no esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; História; *Austerlitz*.

ABSTRACT: This paper presents a brief study about the novel *Austerlitz* (2008), written by W. B. Sebald. For this, we try to make approximations between the memory of protagonist Austerlitz and the way that his life was modified and the way that his family was destroyed by the Hitler's Nazism during II World War, and the History of epoch marked by war. The writer brings us to the dimension of the thoughts and memory of someone who struggles to escape from anything that can take him to his past and his recall of facts that negatively marked his life. Thereby, we can create a new version of the History, by de voice those that lived this troubled period. In addition, this novel brings up the question of the importance of reporting the stories and experiences of those who are not directly linked to the official speeches and that these facts are seen from new perspectives and not be forgotten.

KEYWORDS: Memory; History; *Austerlitz*.

INTRODUÇÃO

O escritor alemão Winfried Georg Maximilian Sebald (1944-2001) construiu no romance *Austerlitz* (2008) uma narrativa permeada de pontos que ligam o enredo à história das pessoas que tiveram suas famílias e vida acabadas ou tiveram algum outro tipo de experiência com a Segunda Guerra Mundial, principalmente daquelas que vivenciaram o holocausto. Nessa obra, o tema da memória e/ou da luta para não lembrar os acontecimentos passados é o que move toda a narrativa, fazendo com que o leitor se prenda à leitura, movido pela curiosidade em saber qual será o desfecho dessa história. À medida que o protagonista monta o “quebra-cabeça” do seu passado, percebemos como sua vida foi afetada pela Segunda Grande Guerra, e vislumbramos a preocupação do autor com as cicatrizes deixadas pelo holocausto nas vítimas desse fato lamentável da história mundial.

O romance *Austerlitz* apresenta uma estrutura diferenciada, e podemos dizer que foi vista por muitos como inovadora, pois todo o livro possui somente dois parágrafos. Além disso, o autor mescla fatos reais com fatos ficcionais, intercalando a narrativa com fotografias em preto e branco, que não dispostas necessariamente na ordem cronológica dos fatos, é como se a narrativa fosse o fluxo de consciência do protagonista. A princípio, a obra pode parecer uma simples exposição de lembranças e viagens de um personagem,

porém em meio aos relatos há indícios que nos permitem remontar a história do povo que foi perseguido e massacrado pelo regime nazista.

Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizamos a obra *Memória*, de Jacques Le Goff, a fim de compreender a ligação entre memória e literatura no romance de Sebald, bem como a memória poder ser lida como instrumento de denúncia (ou, pelo menos, como ou um meio de mostrar outra versão de uma mesma história). Outro texto que possibilitou o entendimento da relação existente entre memória, literatura e história foi “Eu: narrador e personagem, suas singularidades *in memórias*”, de Nilma Machado Carvalho.

MEMÓRIA E HISTÓRIA

Na contemporaneidade, muitos dos grandes autores constroem suas obras com enredos e temas que estão ligados às questões da memória. Eles constroem narrativas em torno das lembranças de seus personagens para elucidar acontecimentos de uma época e de uma nação. Além disso, muitos se utilizam dos personagens para relatar suas próprias experiências, sem que isso se torne um texto autobiográfico¹.

Austerlitz foi publicado no original em alemão no ano de 2001², e causou grande impacto devido à sua estrutura textual e à forma como o tema foi elaborado: a construção do passado de alguém que sofreu abalos com a Segunda

1. O escritor Winfried Georg Maximilian Sebald, nasceu na cidade de Wertach, na Alemanha em 1944 e faleceu em Norfolk, na Inglaterra, em 2001. Suas principais obras foram *Vertigem* (1990), *Os emigrantes* (1992), *Os anéis de saturno* (1995) e *Austerlitz* (2001). Sebald é um desses autores que mescla ficção, memorialismo e história, como se pode observar em sua obra *Austerlitz*.
2. A edição utilizada para a realização desse trabalho é a de 2008 traduzida para o português por José Marcos Macedo.

Guerra Mundial, mais especificamente do Holocausto. O enredo desenvolve-se no contexto nos anos 1960, na cidade de Antuérpia, onde se encontra o protagonista Jacques Austerlitz, um professor de História da Arquitetura, que faz amizade com o narrador. Aos poucos, por meio da sua narrativa e por relatos do narrador, é possível recuperar um pouco da história de Austerlitz. Inicialmente, ele foi enviado, ainda criança, de uma Tchecoslováquia ameaçada pelos nazistas de Adolf Hitler, para a Grã-Bretanha, durante o verão de 1939, como um refugiado infantil em um *Kindertransport*. Ao chegar lá, ele foi adotado por um casal de idosos galeses, e passou sua infância perto da cidade de Bala, Gwynedd.

Antes de ingressar no colegial, e após a morte de seus pais, Austerlitz descobriu parte de seu passado por meio de um professor. O que mais lhe chocou foi saber que havia sido adotado, e que seu nome, Dafydd Elias, pelo qual era chamado até então, não era seu verdadeiro nome, mas sim Jacques Austerlitz. Mesmo surpreso com a revelação, ele não procurou desvendar mais sobre seu passado e suas origens, e continuou sua vida normalmente. Ao término dos estudos colegiais, passou a frequentar a universidade e tornou-se um estudante da arquitetura europeia. Porém, depois de um tempo, o protagonista resolve esclarecer a sua história. Após conseguir algumas informações, faz uma visita à Praga, onde conhece uma amiga íntima de seus pais, Vera Rysanová. Enquanto os dois conversam, as lembranças retornam a

mente de Austerlitz. A senhora idosa conta qual foi o destino da mãe do protagonista: ela foi deportada para um campo de concentração de Theresienstadt. Após, ele tenta resgatar mais informações sobre sua mãe, e qualquer evidência que consiga rastrear sobre o paradeiro de seu pai.

Ao longo da narrativa, vemos como Sebald trabalha com o uso da memória³ na literatura, ademais do uso de metáforas para mostrar tanto a questão do nazismo, e da estruturação do jogo de vozes entre os personagens. O autor mistura ficção e história, e também inclui fotografias de estações de trem, de animais, de lugares e de pessoas que seu personagem supostamente conheceu ao longo da narrativa, aumentando ainda mais a imagem de lembranças, de memória e de melancolia da obra, transmitindo ao leitor a ideia de veracidade dos fatos. Essa questão da memória em obras literárias é discutida pelos teóricos⁴ há muito tempo; para eles, a utilização de relatos é uma forma de se registrar um acontecimento, uma vivência, e uma maneira de não deixar que uma história seja apagada. O ser humano necessita registrar os seus feitos e os seus percalços, de alguma forma. Assim, a memória é usada para manter o acontecimento vivo, impedindo que esse caia no esquecimento. De acordo com Nilma Machado Carvalho,

[...] a memória transformou-se em um gênero literário voltado ao Eu interior, com objetivo de entender os dramas vividos, enfatizando um ponto de vista particular com o qual o leitor

3. Segundo Jacques Le Goff (2003, p. 419), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas”.

4. Jacques Le Goff, Pierre Nora, Márcio Seligmann-Silva e Silviano Santiago são alguns dos teóricos que abordam a temática da memória.

5. CARVALHO. Eu: narrador e personagem, suas singularidades *in* memórias, p. 1808.

se identifica porque viveu, de alguma forma, um evento semelhante, pois o caráter do gênero memória é o de testemunhar e trazer à tona um episódio que foi relevante no passado.⁵

Quando relacionamos a vida de Sebald com a sua obra, vemos que muito da vida de Austerlitz tem relação com a vida do escritor. Tanto a família de Austerlitz, quanto a de Sebald foram destruídas pelo nazismo. O pai de Sebald permaneceu com os nazistas e foi prisioneiro de guerra, e os pais de Austerlitz eram judeus e foram enviados a campos de concentração. É tanto o escritor quanto o personagem só conheceram o horror do Holocausto através de relatos e de fotos – talvez, por esse motivo, o romance possua várias imagens de lugares, pessoas e objetos diferentes, pois isso fez parte da vida do protagonista e do autor. Por isso, a obra de Sebald é permeada de assuntos sobre a Segunda Guerra, para que o povo não esqueça essa parte da história da humanidade e, talvez, para o autor enfrentar em termos literários os acontecimentos da guerra, o que a torna uma obra significativa, pois une literatura, memória e história. E esse estudo do gênero *memória* é um

[...] recurso para compreender a sociedade a partir do indivíduo e do grupo em que ele está inserido. Além de permitir entrar em contato com fatos que marcaram uma coletividade, metonimizado num indivíduo, é usado também como recurso na literatura para compreender os depoimentos de traumas sobrevividos.⁶

6. CARVALHO. Eu: narrador e personagem, suas singularidades *in* memórias, p. 1810.

Apesar de sabermos que há a temática da guerra na obra de Sebald, percebemos ao longo do enredo que esse assunto aparece de forma implícita na maior parte do romance. O protagonista fala-nos do que viu durante esse período, enquanto acompanhava seu pai adotivo, e por meio desses relatos é que encontramos aspectos que revelam que Austerlitz está contando sobre o período de guerra, como no seguinte excerto: “[m]uitos dos seus colegas mais jovens de ministério haviam sido recrutados para o Exército assim que eclodiu a guerra, por isso Elias era obrigado [...] a dizer os seus sermões em uma paróquia diversa”⁷. Outra cena contada pelo protagonista que nos mostra que eles estão em meio a um conflito é quando, em uma das viagens de pregação de seu pai no sul do País de Gales, Austerlitz presencia “o fato de uma bomba ter caído naquela tarde, em plena luz do dia, no cinema da cidadezinha situada na ponta do vale”⁸.

A narrativa de Sebald causa certo desconforto no leitor, uma vez que traz restos, pedaços de um passado, traumas que a maioria das pessoas gostaria de apagar. O autor não está apenas fazendo a descrição da vida e dos pensamentos de seu personagem, ele está dizendo algo *a mais*. O autor chama nossa atenção para o massacre de um povo, para a destruição de várias famílias. Porém, ele coloca esse assunto de forma sutil no texto, sem mencionar diretamente que se trata da guerra. Sebald introduz esse tema em meio às

7. SEBALD. *Austerlitz*, p. 52.

8. SEBALD. *Austerlitz*, p. 54.

9. SEBALD. *Austerlitz*, p. 26.

descrições dos locais e o que aconteceu durante a existência do protagonista, como podemos analisar no trecho em que Austerlitz fala sobre sua visita às ruínas de um forte e suas ideias de como os prisioneiros eram tratados: “[e]ra impensável como os prisioneiros, que só em raríssimos casos deviam ter feito trabalho braçal antes de sua captura e de seu internamento, haviam conseguido empurrar esses carinhos cheios de entulho pesado sobre o terreno argiloso”⁹. Aqui, talvez Sebald não queira apenas falar dos presos do forte. Podemos dizer que ele provavelmente esteja se referindo aos prisioneiros dos campos de concentração, principalmente os que estavam em Auschwitz, e com essa menção o autor pode estar fazendo uma denúncia do que os prisioneiros passavam nesses locais, visto que, de acordo com alguns relatos, documentários, textos literários e biografias de sobreviventes do holocausto, grande parte das pessoas que eram detidas e enviadas para os campos de concentração trabalhavam em empresas, escritórios, eram professores ou nunca trabalharam antes, principalmente realizando trabalhos braçais.

Também, as estações de trem que são citadas várias vezes durante o enredo podem ser associadas ao período de dominação dos nazistas, pois este era o transporte usado para levar os judeus e os demais presos para os campos de concentração. Além disso, com o decorrer da leitura, vemos porque as estações são tão significativas na vida de Austerlitz. Nem

mesmo ele havia percebido o quão presentes na sua vida esses lugares eram; somente depois que Vera – amiga da mãe biológica de Austerlitz – conta-lhe sobre seu passado, é que ele entende a sua fascinação por essas obras arquitetônicas.

No início do romance, o narrador conta-nos que está em uma estação de trem na Antuérpia, a Centraal Station. Ele nos descreve como esse lugar é em relação à sua elaboração arquitetônica, quais as sensações que ela lhe causa e suas impressões ao adentrá-la. Ademais, ele faz comparações entre a estação e o zoológico da cidade que visitou horas antes:

Quando entrei no átrio da Centraal Station, com sua cúpula abobodada de sessenta metros de altura, o meu primeiro pensamento, suscitado talvez pela visita ao zoológico [...] foi que ali, naquele vestibulo magnífico, embora então bastante decadente, devia ter havido jaulas para leões e leopardos embutidas nos nichos de mármore e aquários para tubarões, [...] assim como, inversamente, em alguns jardins zoológicos é possível viajar com um trenzinho aos recantos mais afastados da Terra. Foi talvez por causa de idéias [*sic*] como essas, [...] que a sala de espera [...] me pareceu um segundo Nocturama¹⁰ (SEBALD, 2008, p. 10).

Essa comparação com o zoológico pode ser lida como uma metáfora para dizer que, assim como o zoológico abriga espécies diversas de animais, a sala da estação de trem

10. SEBALD. *Austerlitz*, p. 10.
Nocturama é o nome do zoológico de Antuérpia visitado pelo narrador antes de sua ida para a Centraal Station.

também abriga pessoas de diferentes etnias, de várias “espécies”. Igualmente, pode estar relacionado com a questão de que tanto os animais quanto as pessoas, que passaram por ali com destino aos campos de concentração, tiveram sua liberdade privada e estão encarcerados. Ao fazer essa aproximação, percebemos como não havia distinção entre bichos e seres humanos, uma vez que ambos eram tratados como um objeto de enfeite ou ferramenta de trabalho para uma classe de pessoas. O próprio narrador compara os animais às pessoas que estavam na estação, como no excerto abaixo. E ainda quando compara o olhar do homem ao do animal, como na fotografia¹¹ seguinte ao texto:

11. SEBALD. *Austerlitz*, p. 8-9.

[...] viajantes estavam sentados bem afastados uns dos outros, imóveis, calados. Tal como os animais no Nosturama, entre os quais espécies anãs eram surpreendentemente numerosas [...], também aqueles viajantes me pareceram de algum modo reduzidos a miniatura, [...] me ocorreu o pensamento, em si mesmo absurdo, de que se tratava dos últimos exemplares de um diminutivo povo em vias de extinção, expulso de sua pátria ou exterminado, desses que, porque somente eles haviam sobrevivido, tinham a mesma expressa agoniada dos animais no zoológico.¹²

12. SEBALD. *Austerlitz*, p. 11.

Nesse momento, vemos que há a animalização do homem, e como o ser humano é diminuído perante o interesse daqueles que ocupam uma posição hierarquicamente superior

nas relações de poder. Da mesma forma, há a possibilidade de Sebald estar se referindo às pessoas que eram presas pelos alemães e levadas a essas estações para serem conduzidas para os campos de concentração. Quando o narrador fala que são exemplares de um povo que está quase se extinguindo, reforça ainda mais a ideia de que os alemães queriam exterminar outras raças, para evitar a mistura de sangue, mantendo assim, a “pureza” da raça alemã. Além disso, a ideia dos homens estarem presos e prestes a serem enviados a um lugar de morte pelos nazistas, também é evidenciada pelo autor ao comparar a agonia dos animais presos a das pessoas que estavam na estação; como os animais, eles estavam fora do seu lugar, pressentiam que suas vidas mudariam completamente e que provavelmente seriam mortos.

Ainda nessa perspectiva de animalização do ser humano, o narrador faz mais uma comparação do homem aos animais quando observa alguns trabalhadores que estão na rua, e refere-se a eles como uma “espécie”, diz que esses não pertencem a nenhum “bestiário”, ao descrever os seus comportamentos, como vemos no seguinte excerto:

[...] eu ficava observando um bom tempo os trabalhadores das minas de ouro da City, que se reuniam ali para os tragos de costume no início da noite, todos parecidos entre si com seus ternos azul-escuros, camisas listradas e gravatas chamativas, e

enquanto eu tentava compreender os misteriosos hábitos dessa espécie, que não se acha descrita em nenhum *bestiário* – seu instinto de se aglomerar de forma cerrada, seu comportamento meio gregário, meio agressivo, a maneira de exhibir a garganta ao esvaziar os copos, o burburinho cada vez mais excitado de suas vozes.¹³

13. SEBALD. *Austerlitz*, p. 43. Grifos nossos.

A estação de trem em que o narrador e Austerlitz se encontram pela primeira vez, pode ser vista como um lugar de extrema importância para o protagonista, pois é nela que aconteceram grandes encontros e despedidas que marcaram sua vida. O protagonista chama a atenção do narrador por ser o único a não estar com o olhar perdido: “[...] ele se distinguia também dos demais viajantes por ser o único que não mirava apático o vazio, mas se ocupava em traçar apontamentos e esboços”¹⁴. A partir de então, temos acesso à memória do protagonista, que se desloca entre locais e construções que revelam a história da humanidade e ajudam as lembranças esquecidas de Austerlitz a saírem da escuridão e, desse modo, construir o seu passado e a sua história.

14. SEBALD. *Austerlitz*, p. 11.

O tempo passado e a história da época são fortemente marcados durante todo o enredo. Na primeira conversa entre o narrador e Austerlitz, aquele conta-nos que o protagonista compara a senhora do bar onde estão com “a deusa do tempo passado”¹⁵ e, para eles, a velha mulher aparentava mesmo ser essa deusa do tempo, pois parecia que o mesmo não passava enquanto estavam ali, como se ela estivesse controlando-o:

15. SEBALD. *Austerlitz*, p. 12.

E de fato, na parede atrás dela, [...] havia um poderoso relógio, peça que dominava o bufê [...]. Durante as pausas que entremeavam nossa conversa, ambos notamos como era interminavelmente longo o tempo que levava para que mais um minuto se passasse, e como a cada vez nos parecia mais assustador, embora o esperássemos, o avanço desse ponteiro semelhante a uma espada da justiça.¹⁶

16. SEBALD. *Austerlitz*, p. 13.

Sebald pode ter utilizado a figura do relógio para representar o tempo. Segundo Yves Chevalier (1998), em seu *Dicionário de símbolos*, o tempo está associado à imagem do círculo, e este é justamente o formato do relógio que os personagens avistam. De acordo com Chevalier, o tempo é a imagem móvel da imóvel eternidade, o ciclo de vidas de todos os seres. Esse tempo que corrói, governa e vigia o ser humano. Assim como no excerto supracitado, o relógio aparece como um símbolo fundamental:

[...] aquele que ocupa o vértice é o tempo, representado pelos ponteiros e o mostrador. [...] se podia ver a imagem do imperador em prolongamento direto do portal, exatamente ali se encontra o relógio; na condição de governador da nova onipotência, ele foi posto acima até das armas reais [...]. Da posição central que o relógio ocupa na estação da Antuérpia, podiam ser vigiados os movimentos de todos os viajantes, e os viajantes, por sua vez, tinham todos de erguer a vista para o relógio e eram abrigados a ajustar suas atividades de acordo com ele.¹⁷

17. SEBALD. *Austerlitz*, p. 16.

18. FOUCAULT. *Vigiar e punir*, p.190-194.

Quando o autor fala que o relógio está no centro da estação observando todos que ali passam, podemos relacioná-lo com a figura do *panóptico*, que Michel Foucault aborda em sua obra *Vigiar e punir* (2011). O panóptico é uma figura arquitetural em forma de anel que possui várias celas e, no centro dessa construção, há uma torre onde um único vigia consegue observar e controlar todos os presos¹⁸. O relógio, entendido como metonímia do tempo, é visto como o senhor supremo da humanidade, é ele quem vigia tudo e controla as atividades e a rotina de todos os sujeitos, ele é o próprio panóptico. Ele aprisiona as pessoas e guia as suas vidas – no caso de Austerlitz, é o tempo passado que o atormenta. O passado é o que revelará quem ele realmente é, bem como as suas origens. Porém, Austerlitz tem medo de enfrentar esse passado, pois sente que há algo de estranho nele.

Além desse tempo passado que mexe com os sentimentos de Austerlitz, há o tempo presente que o abala, pois a cada minuto que passa ele sente que está se aproximando da verdade em relação as suas origens e, à medida que o tempo passa, as lembranças de sua infância antes de ser mandado para outro país.

Apesar do medo e da negação em saber sua história, o protagonista estuda as construções arquitetônicas dos lugares por onde passa, investigando a história que elas carregam. E, desse modo, o leitor também conhece, de uma forma distinta, um ponto de vista diferente da História. Talvez esse

interesse do protagonista em saber mais sobre a arquitetura faça parte do seu subconsciente: é como se no inconsciente de Austerlitz estivesse a necessidade de estudar a história para dessa forma, descobrir sua própria história. No fundo, ele sabe que, ao investigar o passado, acabará despertando sua memória, suas lembranças há muito tempo esquecidas e, dessa forma, conhecerá o seu passado e suas raízes. Austerlitz mesmo comenta que, desde criança, sente que algo lhe era escondido: “durante todos os anos que passei na casa do pregador em Bala, jamais me livre de sensação de que algo bastante óbvio, manifesto em si mesmo, me era ocultado”¹⁹.

Austerlitz também revela ao narrador que ver e estudar a arquitetura e a história das linhas de trem lhe causa medo e emoções, como se tivesse algo de semelhante a ele nesses locais, algo que ele ainda não sabe do que se trata, mais um indício de que isso pode ser devido à sua história de vida, ao fato de ter sido enviado por sua mãe biológica, em um trem, para a adoção, com intuito de fugir das mãos dos nazistas:

Austerlitz falou [...] sobre as marcas de sofrimento que, como ele dizia saber, atravessam a história com inúmeras linhas delgadas. Em seus estudos sobre a arquitetura das estações de trem [...] ele nunca conseguiu tirar da cabeça os pensamentos da aflição da despedida e do medo de lugares estranhos (SEBALD, 2008, p. 18).²⁰

19. SEBALD. *Austerlitz*, p. 58.

20. SEBALD. *Austerlitz*, p. 18.

Esse sentimento de aflição e medo de lugares estranhos sentido pelo protagonista será compreendido e superado por Austerlitz quando ele descobrir seu passado. Conforme o protagonista remexe a história e visita lugares que sofreram com a Segunda Guerra, lapsos da sua memória vão surgindo. Em vários momentos do texto, Austerlitz comenta que o local onde está lhe parece familiar ou traz alguma lembrança da sua infância. O fato de Austerlitz evitar saber sobre as suas origens deixa a narrativa com um caráter surpreendente, e causa estranhamento no leitor, pois segundo Jentsch²¹ (*apud* Freud, 1974, p. 245), quando o autor conta uma história, um dos recursos mais bem sucedidos para criar a *ostranienie*²² é deixar o leitor com incertezas em relação a algum personagem na história. É exatamente isso que faz com que o leitor se prenda ao texto: entender porque o protagonista foge do seu passado e conhecer a história de quem sofreu com as atitudes nazistas.

Sebald coloca o drama individual em paralelo ao drama coletivo. Quando o protagonista descreve suas memórias e suas angústias, ele representa a história de vida de várias pessoas que sofreram com a guerra, e que muitas vezes não se sentem encorajadas para relatar suas experiências. De acordo com Carvalho (2009) “[a] memória, apesar de apresentar traços subjetivos, tem como objetivo principal rever e refletir eventos de uma coletividade, principalmente no sentido político, bélico e sobre a violência de um modo geral” (p. 1811). O romance memorialista de Sebald, por mais que seja

uma obra ficcional, traz questões que foram muito reais, que chocaram o mundo, e causaram grande impacto na sociedade. Ademais, essa obra nos faz pensar na importância da história ser escrita pelas mãos de quem passou pela experiência do que está sendo narrado, e de como isso pode contribuir para que a história não morra e para que tenhamos acesso a diversas versões do mesmo fato. O próprio narrador reflete sobre como fatos caem no esquecimento somente porque ninguém relatou nada sobre os mesmos:

[...] enquanto penso como é pouco o que logramos conversar na memória, como tudo cai constantemente no esquecimento com cada vida que se extingue, [...] na medida em que as histórias ligadas a inúmeras lugares e objetos por si só incapazes de recordação não são ouvidas, não são anotadas nem transmitidas por ninguém.²³

Aqui podemos dizer que, talvez esse seja o desejo de Sebald: que os relatos das pessoas que sofreram com algum tipo de regime, principalmente com o Holocausto, sejam repassados para as demais pessoas, e que essa história não se apague ou se perca. E isso nos leva a refletir sobre a autoria dos textos e a importância dos textos memorialistas, e como os literatos se utilizam dessa estratégia para compor suas obras, fazendo da literatura uma aliada para a difusão de acontecimentos importantes da história da humanidade.

21. JENTSCH *apud* FREUD. O estranho, p. 245.

22. Termo que os formalistas russos utilizaram para definir a sensação de estranhamento causada no leitor pela linguagem literária.

23. SEBALD. *Austerlitz*, p. 28.

Outro ponto que aparece com frequência no romance de Sebald, e que é característica comum da obra memorialista, é a descrição. Nesse caso, há a descrição das várias construções arquitetônicas dos lugares que o protagonista visitou, como as estações de trem mencionadas anteriormente. Além disso, o autor coloca imagens no decorrer do texto, fotos de lugares e pessoas sobre os quais está falando. Sebald pode ter feito isso para deixar a narrativa e as suas descrições mais claras para os leitores.

Algumas das inúmeras imagens utilizadas pelo autor são das estações de trem pelas quais ele passa, como na figura 2²⁴, auxiliando o leitor a entender a construção do enredo. Além dessa, ele coloca outras fotografias para dar a ideia de que sua narrativa está mais próxima da realidade do que da ficção. Como exemplo, temos a fotografia da qual seria a sala de estudos de Austerlitz – figura 3²⁵ – e a fotografia de Austerlitz criança, antes de ser enviado para adoção – figura 6²⁶ – que produzem a sensação de que o protagonista é alguém que realmente existiu, reforçando a noção de obra verídica. Para enfatizar esse propósito, temos as fotografias da família do colega de colégio de Austerlitz – figura 4²⁷ – e da mariposa que um dos membros dessa família possui em seu insetário – figura 5²⁸. Além dessas imagens, há a das ruínas do cemitério – figura 7²⁹ – que o protagonista visita em uma das suas viagens:

A junção de texto e imagens ocorre em todo o romance. Quando o narrador visita a fortaleza Breendonk, nós vemos novamente como Sebald mistura a descrição do forte, à história daquele lugar e daquela época, às suas impressões e às imagens referentes à fortaleza, como fotografias e plantas baixas e mapas. No momento em que o narrador chega ao local, ele diz:

De qualquer ponto de vista que eu tentasse formar uma imagem do complexo, era impossível reconhecer nele um plano arquitetônico [...] não pude estabelecer a menor relação com nenhuma figura de civilização humana conhecida por mim. [...] o forte era o único monólito, rebento da feiúra e da violência cega.³⁰

Durante essa narração, o autor coloca uma fotografia da parte exterior do forte – figura 8³¹ –, uma da parte de dentro – figura 9³² – e uma imagem do mapa do forte – figura 10³³. Além disso, quando o narrador fala que não reconhece na construção nenhum traço de planejamento ou de ter sido feito por alguma civilização, e que a fortaleza não parece ter sido feita por algum humano, podemos novamente falar que, nessas construções que estão relacionadas à guerra, há *a falta de humanidade*, e que o ser humano está mais próximo do seu lado animal, e que a violência e a irracionalidade dominam essa época e quem conduz essa guerra. Essa ideia fica

24. SEBALD. *Austerlitz*, p. 15.

25. SEBALD. *Austerlitz*, p. 36.

26. SEBALD. *Austerlitz*, p. 180.

27. SEBALD. *Austerlitz*, p. 88-89.

28. SEBALD. *Austerlitz*, p. 96.

29. SEBALD. *Austerlitz*, p. 223.

30. SEBALD. *Austerlitz*, p. 25.

31. SEBALD. *Austerlitz*, p. 24.

32. SEBALD. *Austerlitz*, p. 25.

33. SEBALD. *Austerlitz*, p. 25.

34. SEBALD. *Austerlitz*, p. 26.

mais evidente quando ele comenta sobre a planta do forte: “a despeito de sua estrutura racional agora evidente, o esquema de alguma criatura aparentada aos crustáceos, mas não a de uma construção projetada pela razão humana”³⁴. O narrador continua falando sobre a fortaleza, e acrescenta uma foto de um corredor, e mais uma imagem da planta do forte.

35. CHKLOVSKI. *A arte como procedimento*, p. 42.

De acordo com Vitor Chklovski, a utilização dessas imagens “é um meio de reforçar a impressão”³⁵, de tentar mostrar pra o leitor o que o protagonista ou o narrador sentiram ao ver esses lugares ou pessoas. O autor pode ter colocado-as para causar no leitor a mesma *ostranienie* que sentiu ao ver as construções, também pode ser para deixar o texto mais próximo do real, criando uma atmosfera que faça o leitor acreditar no que está lendo e para deixar a obra com o ar mais melancólico. Além disso, a utilização de imagens também é utilizada para enfatizar a caracterização da obra como um texto memorialístico.

As estações de trem, as construções e as fotos funcionam como uma ponte entre a memória individual e o meio social, pois as lembranças individuais não ocorrem isoladamente das ações e necessidades de uma sociedade. As lembranças individuais formam as lembranças coletivas, a história de um povo. Desse modo, construímos uma nova versão da História do regime nazista. À medida que Austerlitz conta-nos suas lembranças, construímos em nossa mente, por

extensão, a história daqueles que enfrentaram o Holocausto. Muitos desses sujeitos procuram esquecer o que passaram, assim como Austerlitz tenta fugir de seu passado:

[...] sei que o meu nome e o fato de que esse nome me foi ocultado até os quinze anos já deveriam ter me posto na trilha das minhas origens, mas nos últimos tempos também me ficou evidente a razão pela qual uma instância preposta ou superior à minha capacidade de pensamento [...], sempre me preservou do meu próprio segredo e impediu sistematicamente que eu tirasse as conclusões mais óbvias e procedesse às indagações por elas suscitadas. Não foi fácil me libertar do meu próprio acanhamento.³⁶

36. SEBALD. *Austerlitz*, p. 48.

É justamente por tentar esquecer o que passaram nos regimes opressores, que muito da história se perde ao longo do tempo e não ficamos sabendo o que aconteceu nos bastidores. A partir do trecho acima citado, podemos dizer que o fato de Austerlitz evitar desvendar seu passado e encontrar suas origens, mesmo sabendo que havia algo de sua vida para ser descoberto, está associado ao sofrimento e as dores que a época da guerra causou e ainda causa nas pessoas que a vivenciaram. Para essas pessoas, é mais fácil ou menos dolorido viver no silêncio, buscar esquecer o acontecido.

A ideia de que existe uma resistência, por parte das pessoas que foram prisioneiras durante o holocausto, em relatar

a suas experiências, fica mais evidente no excerto em que o protagonista conta parte da história de um livro biográfico sobre Gatone Noveli, que foi vítima de tortura:

Como resultado das medidas das medidas então introduzidas pelos alemães, Novelli, diz Simon, foi preso e enviado a Dachau. Sobre o que lhe sucedera ali, Novli, continua Simon, jamais lhe falara uma palavra, exceto uma única vez, quando lhe disse que, após ser libertado do campo, a vista de um alemão ou mesmo de qualquer ser dito civilizado, fosse homem ou mulher, tornara-se para ele tão insuportável que, mal se recuperara, embarcou no primeiro navio rumo à América do Sul, para tentar a sorte como garimpeiro de ouro e diamantes.³⁷

A partir disso, podemos imaginar o quanto as pessoas que foram enviadas para os campos de concentração sofreram e o quão traumatizante foi essa experiência, ao ponto de querer evitar encontrar qualquer coisa ou pessoa que esteja ligado ao período de tortura ou que os faça lembrar-se desse momento. E, como esse tipo de sentimento influencia no silenciamento e nas poucas obras que revelam o que se passou nos campos e quais tipos de torturas os alemães praticavam.

Ainda sobre os sentimentos das vítimas da Segunda Guerra, vemos o momento em que o protagonista relembra como foi a sua infância, principalmente no trecho em que

fala da sua casa, onde percebemos o sentimento de deslocamento, de não pertencimento e de enclausuramento que permeou boa parte da sua vida:

No andar de cima havia vários quartos mantidos trancados entra ano, sai ano. Ainda hoje sonho às vezes que uma das portas fechadas se abre e eu atravesso a soleira rumo a um mundo mais amistoso, menos estranho. [...] pior era despertar de manhã cedo e ter de me convencer a cada novo dia que eu não estava mais em casa, mas bem longe, em uma espécie de cativeiro.³⁸

A metáfora das portas fechadas que levam a outro lugar, remete ao fato de Austerlitz estar, de alguma maneira, preso em um lugar estranho, que não é o seu verdadeiro lar. A partir do momento que ele sair dali, poderá conhecer outros mundos e descobrir de onde veio. Novamente podemos dizer que, no subconsciente do personagem, há algo que lhe diz que ele não pertence àquele lugar, que sua verdadeira origem está longe dali, e por isso ele tem esse sentimento de estar longe da sua casa, apesar de estar naquela onde sempre acreditou ser o seu lar. Esse sonho também pode ser visto como o sonho de várias pessoas que estão em meio a uma guerra: estar em lugar calmo, amistoso, menos estranho. A ideia de que ele esteve em “cativeiro” durante sua infância fica mais forte depois que Austerlitz descobre suas origens e reflete sobre o local onde morava. Somente depois de ver janelas

37. SEBALD. *Austerlitz*, p. 30-31.

38. SEBALD. *Austerlitz*, p. 49.

abertas e provar o sentimento de liberdade é que ele percebe que, durante a infância, ele era uma espécie de cativo:

[...] o tempo que passei com o casal Elias, o fato de nunca ter sido aberta uma única janela, por isso que [...] ao passar não sei onde por uma casa cujas janelas estavam todas abertas, eu tenha me sentido tão incompreensivelmente transportado. Ao refletir sobre essa experiência de libertação só uns dias atrás me veio à lembrança que uma das janelas do meu quarto tinha sido murada por dentro, enquanto por fora permanecia inalterada.³⁹

39. SEBALD. *Austerlitz*, p. 49.

Austerlitz sente-se cativo não por estar trancafiado em um quarto, sem poder sair como a maioria dos presos, mas sim por não sair daquele país, conhecer outros lugares e saciar a curiosidade de saber o que existe fora da vila onde mora, além de ter o desejo produzido pelo inconsciente de poder voltar à sua terra natal. Mais uma vez, podemos estabelecer uma relação com as várias pessoas que foram obrigadas a saírem de seus lares e enviadas a campos de concentração, ou tiveram que se exilar em outros países por serem contrárias aos ideais nazistas e para não serem mortas.

Ainda em relação à imagem das janelas fechadas, essas podem indicar que o casal Elias não queria que Austerlitz fosse visto, ou de alguma maneira reconhecido, e acabasse sendo pego pelos alemães. Elas também indicam que há uma barreira para ser

transposta, para que algo novo possa ser visto: a barreira que separava o que Austerlitz conhecia como sendo a história de suas origens e a verdadeira história dessas. Essa barreira foi criada pelo próprio protagonista, em uma espécie de ostracismo, fechando-se para os fatos que o levariam à verdade.

À medida que Austerlitz vai se aproximando do seu passado, ele sente-se angustiado, tem pesadelos, e enquanto vai remexendo sua memória, tem *flashes* de seu passado. Em um desses *flashes* ele recorda-se de como estava vestido quando chegou à casa dos Elias e o processo de perda da sua língua materna e assimilação da nova língua. Quanto mais o personagem vai lembrando-se da sua vida antes da adoção, mais ele sente medo de ter sua memória ativada e recordar de coisas que fossem da sua vida antes desse acontecimento. Fugia de qualquer coisa que fosse ligado à Alemanha. Somente quando Austerlitz perde totalmente esse medo é que consegue buscar informações acerca do seu passado, e descobre quem eram seus pais e o local onde morava. Aos poucos se lembra da sua infância antes de ser enviado para outro país, e qual era sua língua materna, conseguindo inclusive nela se expressar, como se nunca tivesse ficado sem falar. Ele próprio conta ao narrador: “com o menor dos esforços, eu era capaz de recordar tudo”⁴⁰.

A partir de então, ele inicia uma busca pelo paradeiro ou notícias a respeito de seus pais. Algumas informações ele

40. SEBALD. *Austerlitz*, p. 157.

obtêm por meio dos relatos de Vera. E através de algumas dessas histórias que Vera lhe conta, Austerlitz descobre um local onde estão arquivados filmes da época que sua mãe foi atriz, e consegue assistir esses vídeos, na esperança de vê-la e de saber mais sobre ela. O protagonista também visita e investiga lugares que ele lembrava que frequentava com seus pais quando era criança. Além desses locais, ele descobriu a localização do possível pavilhão onde sua mãe ficou presa antes de ser enviada ao campo de concentração. Nessa sua busca por informações ele também vai a museus para procurar documentos que possam levá-lo a descobrir o que aconteceu com seus pais, contudo, não obtém muitos resultados. Conforme ele vai descobrindo o que aconteceu com a sua família, nós também desvendamos os horrores da Segunda Guerra, e como ela afetou e destruiu milhares de famílias.

A obra de Sebald é um monólogo contínuo. Mesmo quando aparecem as vozes de outros personagens, ela está embutida na voz do protagonista, pois como é ele quem está contando a sua história, a frase da outra pessoa é dita por meio da fala de Austerlitz, como quando o narrador nos conta o que Austerlitz estava lhe dizendo: “assim me disse Evans, disse Austerlitz”⁴¹. Trata-se de uma junção de vozes, o que nos permite dizer que são as vozes daqueles que não puderam dar a sua versão dos fatos.

A essa mistura de vozes juntam-se as fotos, as imagens e as descrições da arquitetura das obras, essenciais para a compreensão daquele mundo de Austerlitz e de sua vida. Desse modo, essas imagens e construções também têm uma voz, na medida em que acionam a memória do protagonista.

A elaboração de uma obra com uma linguagem permeada de inúmeros sentidos, que traz à tona um tema tão forte quanto o trauma histórico do Holocausto, bem como a criação de um protagonista com sentimentos confusos, causa no leitor uma espécie de incômodo. Por isso, o romance de Sebald é tão significativo e considerado pela crítica como um romance grandioso. O autor tornou a ficção mais próxima do ensaio e do memorialismo, mostrando que é possível criar narrativas capazes de ligar histórias pessoais a histórias da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise do romance Austerlitz, percebemos como o autor consegue unir a literatura às questões memorialistas, ao uso de várias vozes e aos acontecimentos marcantes da História, com o intuito de não deixar que os fatos sejam esquecidos.

Por mais que a obra não seja um romance autobiográfico, conseguimos relacionar algumas coisas da vida do personagem Austerlitz com a vida de Sebald, e por meio disso,

41. SEBALD. *Austerlitz*, p. 82.

temos acesso ao ponto de vista de alguém que vivenciou o período da Segunda Guerra Mundial e do terror que foi o Holocausto. Conforme o protagonista vai descrevendo os locais por onde passa, observamos que nesses há a imagem e a ligação de maneira implícita com o nazismo alemão.

Desse modo, o enredo de Sebald contribui de maneira significativa para os estudos literários e históricos, ajudando a desvendar uma época em que várias pessoas têm receio de comentar, mantendo viva a ideia da importância de que textos dos sobreviventes de regimes opressivos sejam escritos e disponibilizados para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Nilma Machado. Eu: narrador e personagem, suas singularidades in memórias. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS E I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISPANISTAS. Organização de Sara Rojo et.al. **Anais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 1808-1816.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1998.
- CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (Org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 39-56.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 39º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- FREUD, S. O Estranho. In: _____. **Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud**. volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 237-267.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et. al. 5ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2003. p. 419-476.
- SEBALD, W. G. **Austerlitz**. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.